

## UM DESAFIO EM FORMA DE ENIGMA PROPOSTO A BASÍLIO DA GAMA

---

FRANCISCO TOPA\*

---

### RESUMO

Depois de breves considerações sobre jogos poéticos e sobre o enigma, o autor edita um poema manuscrito anónimo dirigido a José Basílio da Gama (1741-1795), passando depois à sua análise e à tentativa de resposta à(s) adivinha(s) que ele contém.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enigma; Século XVIII; José Basílio da Gama.

---

O período barroco é conhecido pela propensão para o jogo, aliás bem refletido nas artes plásticas (em particular na pintura) e na literatura (especialmente na poesia). Neste último domínio, para além dos jogos de conceitos e de palavras – levados mais longe nas correntes do concetismo e do cultismo –, é frequente a prática do anagrama, do acróstico, do palíndromo, do lipograma, do labirinto e de formas mais elaboradas da chamada poesia visual<sup>1</sup>. Uma modalidade poética de jogo que se destaca nesse período é o enigma<sup>2</sup>. Recorrendo a um registo metafórico em geral associado à antítese, ao paradoxo, ao oxímoro, os enigmas barrocos constituem um tipo interessante de jogo intelectual. A sua prática manteve-se no século XVIII, recebendo a enérgica condenação de Luís António Verney na sua carta VII do *Verdadeiro método de estudar*:

---

\* Professor Associado com Agregação do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos na Universidade do Porto, Portugal. Faz parte do Centro de Estudos Transdisciplinares Cultura, Espaço e Memória.  
E-mail: [franctopa@gmail.com](mailto:franctopa@gmail.com)

<sup>1</sup> Cf. HATHERLY, 1983.

<sup>2</sup> Cf. HATHERLY, 1988.

Dos Enigmas de palavras, entre os Povos do Oriente achamos muito. Era entre eles, uma principal parte da fabedoria; saber propor, e decifrar os Enigmas. Os mesmos Reis se divertiam, em propor uns a outros, estas adivinhações: e às vezes nos convites, este era o ultimo prato. Mas destes omens nam falamos, porque ignoráram, o que era bom gofsto. [...] Difto ainda oje se acha muito, entre os ignorantes: e eu tenho visto bastante, em Portugal. Intrei uma vez em caza, de certo cavalheiro Portuguez, que estava lendo um livro de Epigramas Latinos, in 4.º perguntei-lhe, que coisa lia: e respondeu-me, Que lia o melhor Epigramista, e o melhor Enigmatico. Que o autor era um Portuguez moderno, o qual em cada Epigrama ocultára um enigma, com tanto estudo; que toda aquela menhan procurára decifrar um, sem o conseguir. Que ja tinha alcançado, o segredo de outros: e que reconhecia, que neles avia muito ingenho. Ofereceofe para me emprestar o livro, e decifrar algum. Eu agradei a atenção: e respondi-lhe, que tinha mais que fazer: e que nam queria priválo do gofsto, de se ocupar em coisas tam ingenhozas. E a isto chama-se ingenho! e á quem publique tais livros, neste século! (VERNEY, 1746, p. 221-222)

Apesar desta crítica, o gosto pelo enigma persiste até ao final do século XIX, como se pode ver pelos almanaques e jornais. No século de Verney, um dos mais destacados árcades brasileiros, José Basílio da Gama (1741-1795) terá recebido um destes desafios poéticos. O texto, manuscrito, encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, constituindo o n.º 28 dos Avulsos 3 de uma coleção intitulada Papéis do Brasil. Antes de o discutir e analisar e de propor uma solução para a(s) adivinha(s) que encerra, apresento a sua edição, feita de acordo com o modelo que venho seguindo para textos do período<sup>3</sup>:

Para o Senhor José Basílio da Gama observar o fruto das suas Lições,  
martirizando um pouco o seu entendimento

É doce quando o Brasil  
Cá nos envia a primeira.  
A segunda, se é subtil,

<sup>3</sup> Cf., por exemplo, TOPA, 2001, p. 57-64.

Amarga qual tamargueira<sup>4</sup>.  
Se o todo fazes bailar,  
Terás com que te alegrar.

\*

A Deus indiano agrada  
A minha primeira bela.  
Minha segunda, outra Deusa  
Tem suas delícias nela.  
O todo, se o quer achar,  
No Brasil o vai buscar.

Entre mim e meu vizinho,  
Decide a minha primeira.  
Pesa no mal a segunda,  
Mas no bem sempre é ligeira;  
O todo temos nós cá,  
E outros mais acolá.

É furiosa, espumante,  
Quasi sem termo, a primeira;  
A segunda anda a seu modo  
Em trastagana arrieira.  
É ação formosa o todo,<sup>5</sup>  
Quando é regular seu modo.

Mete a primeira em sapato,  
A segunda dá meia droga;<sup>6</sup>  
O meu todo nem de barro  
Dizem se quer ver à porta.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> tamargueira – arbusto ou árvore pequena, da família das ramaricáceas. Nativo da região mediterrânea, a casca encerra tanino e é usado como adstringente.

<sup>5</sup> Há uma nota à margem: *repare*.

<sup>6</sup> Este verso tem oito sílabas, sendo pois hipermétrico.

<sup>7</sup> À margem, vem a seguinte nota: *Perdoe o toante*.

Minha primeira é primeira  
Em sua longa carreira[.]  
A obra aqui algum dia  
Foi apoio d’harmonia.<sup>8</sup>

Todo<sup>9</sup> tem unhamento<sup>10</sup>  
Em buliçoso elemento:  
Tenham cuidado que se a morder<sup>11</sup>  
Alguém mau fado tem que sofrer<sup>12</sup>.

A segunda fere os ares  
Com azul, e parda pluma:  
E se a outra bem mirares,  
Por ela a vida se fuma.  
O seu todo é lindo Porto:  
Que lá fora sem ser morto!

O poema é anónimo e não está datado, havendo poucos elementos que permitam contextualizá-lo: parece apenas poder depreender-se dos dois versos iniciais que foi escrito em Lisboa (ou, pelo menos, no Portugal metropolitano). Também não é clara a razão que leva o autor a dirigi-lo a José Basílio da Gama: a legenda tem um tom ligeiramente zombeteiro, mas para o compreendermos melhor teríamos de saber o referente de “suas Lições”.

Quanto ao enigma propriamente dito, a resposta parece impossível, tanto mais que às dificuldades especiais deste tipo de texto se junta a divisão do objeto em duas partes, designadas por “primeira” e “segunda”.

---

<sup>8</sup> Estes dois versos estão escritos na entrelinha superior, substituindo versos riscados.

<sup>9</sup> Há certamente gralha no original, pois tal como está o verso é hipométrico. A emenda mais óbvia consistiria na introdução do determinante.

<sup>10</sup> unhamento – operação que consiste em colocar o bacelo (muda de videira) na manta (rego largo cavado na terra), aconchegando-o com terra no lugar onde deverá enraizar; a parte do bacelo que se unhou e criou raízes; ação de dar unhada em algo ou alguém.

<sup>11</sup> Acima de *tenham*, está escrito 1; por cima de *cuidado que se a morder*, está escrito 2.

<sup>12</sup> Acima de *Alguém*, está escrito 3; por cima de *tem que*, está escrito 4.

Atrever-me-ei contudo a propor uma solução, pedindo antecipadamente a benevolência do leitor para com o meu eventual erro. Creio que a resposta geral é *açúcar* e que cada estrofe e cada verso incidem em algum elemento particular do seu processo de produção.

Vejamos a primeira estrofe:

É doce quando o Brasil  
Cá nos envia a primeira.  
A segunda, se é subtil,  
Amarga qual tamargueira.  
Se o todo fazes bailar,  
Terás com que te alegrar.

Penso que a primeira parte da solução é também *açúcar*, que é doce e, à época, enviado do Brasil. A segunda, amarga quando subtil, julgo que se refere a outro dos produtos resultantes da moagem da cana-de-açúcar: aquilo que no período em causa se chamava aguardente da terra e hoje se conhece pelo nome de cachaça. Quanto aos dois últimos versos, é possível que “bailar” esteja no sentido de “mexer” e que, portanto, se esteja a fazer referência a uma espécie de refresco resultante da mistura da cachaça com o açúcar, numa antecipação do que veio a ser a caipirinha.

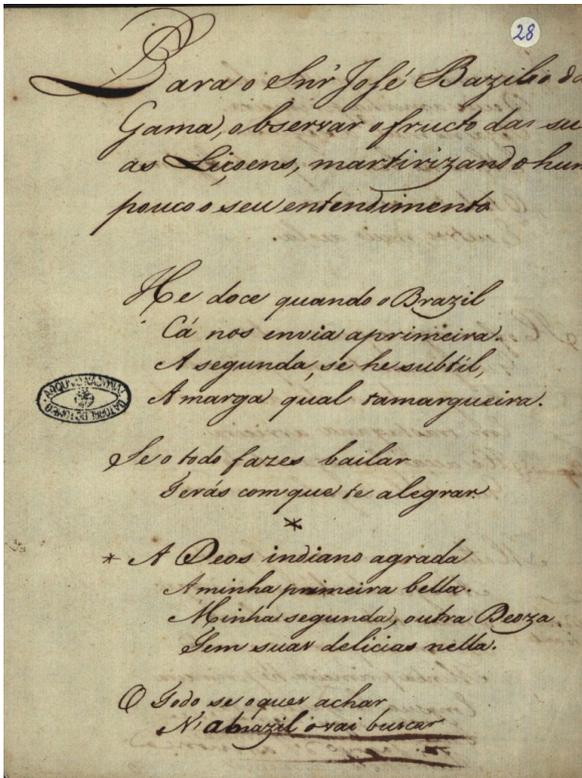
A segunda estrofe parece apontar para elementos que são parte da fabricação do açúcar:

A Deus indiano agrada  
A minha primeira bela.  
Minha segunda, outra Deusa  
Tem suas delícias nela.  
O todo, se o quer achar,  
No Brasil o vai buscar.

O “Deus indiano” pode ser Kamadeva, deus hindu do amor, que é representado com um arco feito de cana-de-açúcar. Embora faça menos sentido, poder-se-ia também admitir – na continuidade da aguardente sugerida atrás – a referência a Baco, que, embora não tenha nascido na Índia,

por lá passou, ensinando a cultura da vinha. A “Deusa” que “Tem suas delícias nela” pode ser Afrodite (ou Vénus), também deusa do amor na mitologia greco-romana, cujo nascimento, de acordo com a narração de Hesíodo, resultou da espuma do mar: Crono teria cortado os testículos do seu pai, Úrano, atirando-os para o mar; a espuma daí resultante – e interpretada como o esperma do nume – serviria para gerar a deusa. A resposta a esta parte do enigma seria assim *espuma*, que apresenta sentido duplo: a espuma que faz as delícias da deusa é o sêmen; a espuma que se relaciona com a cana-de-açúcar é a que resulta da fervura do caldo de cana (a segunda parte da qual era usada para a produção de cachaça).

FIGURA 1: PRIMEIRA PÁGINA DO MANUSCRITO



Fonte: ANTI. Papéis do Brasil. Avulsos 3, n.º 28, f. [1].

A resposta para a estrofe seguinte também não é fácil:

Entre mim e meu vizinho,  
Decide a minha primeira.  
Pesa no mal a segunda,  
Mas no bem sempre é ligeira;  
O todo temos nós cá,  
E outros mais acolá.

Uma possibilidade será a de admitir que a “primeira” e a “segunda” são componentes do chamado engenho de água. O todo será o moinho, que “temos nós cá”, que existia portanto em Portugal mas era menos comum no Brasil, e que outros, talvez os Países Baixos<sup>13</sup>, tinham “mais acolá”.

A quarta estrofe poderá ser encarada como uma particularização do engenho de água:

É furiosa, espumante,  
Quasi sem termo, a primeira;  
A segunda anda a seu modo  
Em trastagana arrieira.  
É ação formosa o todo,  
Quando é regular seu modo.

A “primeira” seria a água que faz mover o engenho e a segunda, que “anda a seu modo / Em trastagana arrieira” seria a roda. Bluteau (1712-1728, p. 117), na sequência de outros autores, descreve assim estes engenhos:

Ha engenho de Boys, ou com maior commodo, de cavallos, & engenho de agoa. Este ultimo he de tres maneiras; porque ou a agoa não chega fe não à parte inferior da roda, & chamafe *Rafteiro*, ou toma a roda pello meyo, & chamafe *Meyo copeiro*, ou cahe de cima fobre a roda, & chamafe *Copeiro*. Anda este moinho, ou engenho de agoa, com a ajuda de tres rodas, que tem dentes, chamãolhe, *Roda de agoa*, *Rodete*, & *Bolandeira*, os

---

<sup>13</sup> Sobretudo como estratégia, bem antiga, de resolver o problema das inundações resultantes do facto de as terras estarem abaixo do nível do mar.

rayos da roda mayor faõ dobrados, & chamãolhe *Aspes*, & *Contrages*. Hum, & outro engenho tem tres eixos muito grossos, feitos de huma madeira durissima, a que chamão, *Jacapucaya*. São estes eixos chapeados de ferro, & fobre groffas traves atraveffadas a que chamão *Pontes*, & *Chumaceiros*, se revolvem, & as traves, que fultentão todo o engenho, chamãose *Virgens da moenda*.

À primeira vista, a estrofe subsequente parece constituir uma charada, pelo menos na quadra de início:

Mete a primeira em sapato,  
A segunda dá meia droga;  
O meu todo nem de barro  
Dizem se quer ver à porta.  
Minha primeira é primeira  
Em sua longa carreira[.]  
A obra aqui algum dia  
Foi apoio d'harmonia.

De facto, poderíamos admitir que “primeira” e “segunda” se referem a sílabas de uma palavra: para o verso inicial teríamos como resposta *pé* e, para o segundo, *dro* (que é metade de *droga*; *meia*, evidentemente, jogaria com *sapato*). O “todo” daria *Pedro*, nome que justifica provérbios como *Pedro, nem tê-lo, nem mantê-lo, nem à porta vê-lo*, o que está de acordo com os dois versos seguintes. Contudo, o problema não ficaria resolvido: faltaria explicar os últimos versos da estrofe e estabelecer a relação desta resposta com o resto do poema. Será preferível então admitir que a estrofe se refere ao açúcar e a uma nova fase do processo de produção. Nesse sentido, “sapato” pode ser uma designação metafórica da forma em que era despejado o melaço (o caldo já cozido). Outra hipótese seria considerar “sapato” como estabelecendo um jogo com “sapatilho”, a primeira folha seca que se tira da cana-de-açúcar. Mas, atendendo à sequência que o poema parece desenvolver, a alusão à folha da cana fará talvez menos sentido. Não tenho explicação para a “meia droga” do segundo verso; talvez *xarope* faça algum sentido. Quanto ao “todo” que não “se quer ver à porta”, uma

possibilidade seria o *sino*, configuração das formas de barro em que era despejado o caldo cozido depois de coado. Mesmo assim, os quatro versos finais da estrofe ficam sem explicação.

Igual dificuldade oferece a penúltima estrofe:

Todo tem unhamento  
Em buliçoso elemento:  
Tenham cuidado que se a morder  
Alguém mau fado tem que sofrer.

O “buliçoso elemento” será o fogo que permite o cozimento do caldo ou o vento que agita o canavial?

Quanto à última estrofe, a resposta parece um pouco menos inacessível:

A segunda fere os ares  
Com azul, e parda pluma:  
E se a outra bem mirares,  
Por ela a vida se fuma.  
O seu todo é lindo Porto:  
Que lá fora sem ser morto!

Como à inflorescência da cana se chamava *bandeira* ou *flecha*, é de admitir que os dois versos iniciais a isso se refiram. “a outra” talvez seja o açúcar já refinado, comparável ao pó que, segundo o Gênesis, define a condição humana. O penúltimo verso poderá ser uma alusão ao *pão de açúcar*, a forma que assumia o açúcar cristalizado e que serviu para designar o morro à entrada da barra do Rio de Janeiro. Mais uma vez, fica por explicar o verso final.

Uma última nota sobre a forma um tanto estranha do poema. O modelo estrófico parece ser a sextilha, mas a verdade é que temos também uma oitava e uma quadra. O esquema rimático da estrofe de seis versos (ABABCC ou ABCBDD) mostra que ela se estrutura como a junção de uma quadra e de um dístico. O verso é de redondilha maior, apesar de duas falhas assinaladas em nota.

Chegando ao fim deste desafio, não poderei concordar totalmente com a crítica que Verney (1746) dirigiu aos enigmas e aos seus cultores: haverá certamente formas melhores e mais úteis de aplicação do engenho, mas o desafio que foi proposto a Basílio da Gama prova bem as potencialidades do jogo, seja como mero passatempo, seja como forma de exercício e de aprendizagem. A mim, pelo menos, obrigou-me a tomar contacto – entre muitas outras coisas relativas a hipóteses que abandonei – as etapas do processo tradicional de fabricação do açúcar.

.....

#### A CHALLENGE IN THE FORM OF AN ENIGMA PROPOSED TO BASÍLIO DA GAMA

##### ABSTRACT

After brief remarks on poetic games and the enigma, the author publishes an anonymous manuscript poem addressed to José Basílio da Gama (1741-1795), and then analyzes and attempts to answer the riddle that it contains.

**KEYWORDS:** Enigma; 18th century; José Basílio da Gama.

---

#### UN DESAFÍO EN FORMA DE ENIGMA PROPUESTO A BASÍLIO DA GAMA

Resumen: Después de breves consideraciones sobre juegos poéticos y sobre el enigma, el autor edita un poema manuscrito anónimo dirigido a José Basílio da Gama (1741-1795), pasando después a su análisis y al intento de respuesta a la(s) adivina(s) que contiene.

**PALABRAS CLAVE:** Enigma; Siglo XVIII; José Basílio da Gama.

---

#### REFERÊNCIAS

ANTT. Papéis do Brasil. Avulsos 3, n. 28.

BLUTEAU, Rafael. Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico [...]. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. (10 vol.).

HATHERLY, Ana. *A experiência do prodígio: bases teóricas e antologia de textos-visuais portuguesas dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

\_\_\_\_\_. O divertimento proveitoso: enigmas barrocos portugueses. *Colóquio/Artes*, n. 76, p. 5-13, mar. 1988.

TOPA, Francisco. *Poesia inédita de Luís António Vernei*. Porto: Edição do Autor, 2001.

VERNEY, Luís António. Verdadeiro metodo de estudar : para ser util à Republica, e à Igreja : proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal. / Exposto em varias cartas, escritas polo[sic] R. P. \* \* \* Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. \* \* \* Doutor na Universidade de Coimbra ; Tomo primeiro [-segundo]. - Valensa [Nápoles]: na oficina de Antonio Balle [Genaro e Vincenzo Muzio], 1746.

---

Submetido em 07 de agosto de 2017

Aceito em 20 de setembro de 2017

Publicado em 26 de janeiro de 2018

---